

Brincadeiras de corrida, e aí vamos dançar?

Aline Santos Nascimento

EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo

DRE São Mateus

O projeto a seguir foi realizado no ano de 2015 com xs estudantes do 1º ano B do ciclo de alfabetização da EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada em São Mateus, zona lesta de São Paulo. O trabalho iniciou tematizando as brincadeiras de corrida e a partir dos registros discentes abriu portas para a tematização das danças. O percurso teve duração de dois semestres.

Durante os primeiros encontros com xs estudantes, eu utilizei como ponto de partida a seguinte pergunta: o que você fazia na creche ou faz na rua? Com o intuito de mapear o que os conhecimentos acerca das práticas corporais. Percebi que xs estudantes brincavam muito de pega-pega¹ e que era uma prática que realizavam em todos os espaços que percorriam (escola, rua, residência, parque, etc..). Decidi então tematizar com as Brincadeiras de corrida.

Para que fosse possível realizar o mapeamento específico dessas brincadeiras, montamos uma lista de práticas possíveis de serem realizadas na escola durante as aulas de Educação Física, sendo elas: corre cotia, pega-pega gelo, pega-pega corrente, corrida de obstáculo, pega-pega esconde, pega-pega fruta, pega-pega surf, pega-pega normal, duro ou mole, pega-pega bola e pega-pega monstro.

Tendo em vista o Projeto Político Pedagógico da escola que se debruçou nas questões dos “Direitos Humanos” e seu Plano Especial de Ação no documento “Mais Educação São Paulo”, selecionei alguns direitos² universais a serem discutidos no decorrer do projeto, sendo eles: não discriminar, liberdade de pensamento, direito a diversão e direito a educação.

¹ Uma brincadeira de corrida com várias derivações.

² Retirados da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Brincadeiras de Corrida

Dando início as vivências práticas, cada estudante seria responsável pela apresentação da brincadeira, sua organização e como a mesma seria vivenciada. Expliquei a todos que eu deixaria de ser o acesso central de informação e cada estudante em seu dia de apresentação seria responsável pela condução da aula. Nessas aulas surgiram brincadeiras de pega-pega, corrida e de roda.

Entre as brincadeiras de pega-pega: corrente, gelo, esconde, fruta, surf, normal, bola, monstro, duro ou mole e melancia. Já as brincadeiras de corrida: de obstáculo e de aposta. Sobre as brincadeiras de roda apenas o corre cotia. Todas essas vivências foram registradas através de vídeos e fotografia ora feitas por mim, outrora pelos estudantes e/ou pela estagiária de pedagogia que acompanhava a turma durante as minhas aulas.

Antes de iniciarmos as vivências conversamos sobre o que era brincadeira e entramos num consenso de que era algo lúdico, nada programado que se iniciava, modificava, acabava e iniciava de novo sempre que necessário. Ao brincar respeitávamos a liberdade de pensamento de cada estudante.

No início, os estudantes sentiam muitas dificuldades em descentrar o conhecimento do docente e partir para a artistagem e produção de novos conhecimentos sobre as brincadeiras tendo como pano de fundo seus saberes iniciais. Tudo era válido e bem vindo. Tentei deixar os estudantes à vontade e eles tinham todo o tempo necessário para fazer com que a vivência acontecesse. Houve aulas em que nada saiu de acordo com o que o estudante estava sugerindo, mas estavam brincando. Minha leitura era uma, a deles eram outra, mas no fim, aquele momento acontecia. Eles estavam criando.



Corre Cotia



Pega-pega corrente



Pega-pega gelo



Corrida de obstáculo



Pega-pega esconde



Pega-pega fruta



Pega-pega surf



Pega-pega normal



Duro ou mole



Pega-pega Melancia



Pega-pega Monstro



Pega-pega Bola



Esconde-esconde fruta



Pega-pega obstáculo



Pega-pegua água e gelo



Pega-pegua vela

Durante as vivências eu percebia que eles sentiam coisas no corpo que ora dava um andamento diferenciado nas aulas outrora afetava sua continuidade. Ao questionar os estudantes sobre o que eles sentiam, disseram sentir felicidade, alegria, dores na perna, braço, barriga, cabeça e joelho, suor, calor, coração batendo e “super poderes”.

Discutimos os porquês desses sentimentos e sensações corporais apresentando possíveis justificativas advindas das ciências biológicas. Com uma linguagem mais próxima dos estudantes, expliquei o que acontecia internamente no corpo quando essas emoções e sensações se apresentavam durante as aulas. Só não sabia como responder a sensação dos “super poderes”.

Intrigada com isso, bem como o registro (desenho) entregue pelo estudante, eu pensei em como os desenhos animados vão constituindo as crianças como sujeitos heróis, princesas, malfeitores, etc.. Assim, solicitei que eles registrassem quais desenhos animados assistem.

E aí, vamos dançar?

Ao retornarmos do recesso escolar conversamos sobre todo o andamento do projeto até o momento e como eu vinha avaliando todo esse processo. A partir dos registros sobre quais desenhos xs estudantes assistem e após assisti-los no recesso escolar, elaborei uma tabela com as práticas corporais presentes nos desenhos infantis representados nos registros.

Representando a categoria “Lutas” tínhamos os desenhos Tom e Jerry, O gigante de ferro, Superman, Liga da justiça, Super-herói, Os vingadores e Frozen ficaram na categoria “Lutas”. Na categoria “Brincadeiras” os desenhos Moranguinho, Tio Avô, Barbie, Bob Esponja, O detetive do prédio azul, Fibras e Ferb e Dora. Na categoria “Dança” apenas Hi5 e na categoria “Esportes” o desenho Hot Wheels (carros).

O encontro teve como objetivo analisar a tabela e verificar se xs estudantes concordavam com a distribuição dos desenhos nas práticas corporais. A partir daí, fizemos uma votação para a escolha da manifestação a ser tematizada na sequência do projeto. A prática corporal escolhida pelxs estudantes foi a dança.

Antes do encontro com a turma, o professor de Educação Física do ciclo autoral disponibilizou alguns CD's de diversos gêneros musicais para que pudéssemos apreciá-los em sala de aula (Raul Seixas, Gilberto Gil, Beegees, Jorge Bem Jor, Berro da Cabrita e alguns clássicos do Rock). Registramos na lousa os estilos musicais que xs estudantes gostavam e acessavam, bem como seus representantes.

Os estilos musicais registrados foram sertanejo, hip-hop, funk, eletrônica, pop, pop rock, reggae, forró, axé, MPB. Os representantes foram Silento, Luan Santana, Beyonce, Anitta, Lucas Lucco, Gustavo Lima, José Felipe, Hi5, Charlie Brow Jr., Bob Marley, Calypso, Ivete Sangalo, Toquinho, Cristiano Araújo e Mc Gui.

No encontro seguinte, baixei uma música de cada representante registrado na aula e deixei xs estudantes a vontade para dançar cada ritmo apresentado ao seu jeito. A vivência foi realizada na sala de projetos devido à vergonha de algumas pessoas.

Em grupos xs estudantes deveriam sortear uma música (levei para aula 18 músicas de diferentes estilos) e a partir delas cada grupo deveria criar passos e elaborar uma coreografia. Após algumas aulas de produção e ensaio filmamos e assistimos a toas as apresentações.



No encontro seguinte levei algumas imagens de pessoas dançando diversos estilos musicais e discutimos sobre o que é dança, quem pode dançar e quais são os elementos que a constitui (música, ritmo e espaço).

Como suporte para que xs estudantes tivessem acesso a algumas produções de ritmos com objetos e com o corpo utilizei um vídeo do grupo Barbatuques³ e outro do grupo Palavra Cantada⁴. A partir dos vídeos, xs estudantes produziram diversos ritmos com a batida de mãos na mesa e no corpo, bem como com o auxílio de objetos como copo, lápis e caneta. Todas as apresentações foram registradas através de filmagens e posteriormente apreciadas pelxs estudantes.

Forró

A música nordestina, apesar de provir de uma região de tragédia, sempre foi muito bem humorada.

A primeira dança a ser tematizada pelxs estudantes foi o forró. Inicialmente conversamos sobre o que é forró, aonde ele surgiu, quais os seus tipos, como se dança e quem são seus representantes. Como suporte para o encontro, eu utilizei um texto⁵ que relata as mudanças históricas do ritmo que veio do nordeste para todxs xs brasileiroxs. Após analisarmos a história da prática, acessamos imagens e vídeos dos tipos de forró (eletrônico, pé de serra e universitário), instrumentos utilizados, vestimentas e acessórios, bem como o sentimento produzido ao dançar. Em duplas, individual e/ou grupo passamos algumas aulas dançando.

³ Barbatuques: Samba Lelê. Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tz7KROhuAw>>. Acessado em 19/08/2015.

⁴ Palavra cantada: ABC dos copos e galinha não voa. Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fFo1i8EIS74>>. Acessado em 19/08/2015.

⁵ Link disponível em: <<http://www.dancaempauta.com.br/site/artigo/forro-do-nordeste-para-todos-os-brasileiros>>. Acessado em 07/09/2015.



Rap

Iniciamos o encontro com uma roda de conversa sobre o que é rap e assistimos algumas crianças dançando⁶. Para xs estudantes é uma rima com som alto no fundo e que fala de coisas boas e ruins. Seu estilo de dança é complexo e de alto grau de dificuldade.

Acessando algumas bases de rap, em grupos, xs estudantes deveriam criar rimas a partir de temas como escola, família, práticas corporais etc.. Além disso, deveriam produzir passos e coreografias. Após algumas aulas, diversas apresentações foram surgindo.



⁶ Crianças dançando rap. Links disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h35mZpUwVB4>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=cqudzqLKpIc>>. Ambos acessados em 30/09/2015

Para ampliar e aprofundar nossos conhecimentos, assistimos um clipe de um rap indígena do grupo Brô MC's⁷. Através de suas letras o grupo relata histórias de luta e resistência dos indígenas Guaranis-Kaiowá, localizados em Mato Grosso do Sul.

Os indígenas são vistos como gente invisíveis imperceptíveis aos olhos da sociedade. [...] Vive em mim, a esperança de uma nova vida. Vive em mim, também por ti, irmão índio que ainda acredita, também por ti (Brô MC's).

Ao término do vídeo, alguns estudantes disseram que aquelas pessoas que apareciam no vídeo não eram indígenas. Naquele momento elxs afirmavam que o indígena não cantava, pois apenas os seres humanos podiam cantar. Intrigada, questionei: se os indígenas não são seres humanos, o que elxs são? A aula encerrou e percebi a necessidade de retomar essa questão no encontro seguinte.

Como atividade de problematização eu elaborei um cartaz com diversas imagens de indígenas atuando na sociedade. Indígenas no espaço escolar atuando como professorx, cantando, tocando diversos instrumentos, utilizando equipamentos digitais como computadores, celulares e máquinas fotográficas, presente no exército e ministrando palestras. Enfim, diversos espaços e ações que cotidianamente vimos na sociedade e não questionamos.

Após a apresentação do cartaz e indagando xs estudantes sobre o que os indígenas eram se não seres humanos, alguns posicionamentos dos alunos foram se alterando, entre eles:

- Professora, ontem a gente não pensou antes de falar.
- Preconceito é você não gostar da pessoa só porque ela é diferente.
- Professora, o índio bebe coca-cola? Ele nada? Casa? Come chocolate? Vai para a escola? Usa computador? Porque ele usa pena na cabeça?
- Ontem eu não disse nada, pra mim o índio é ser humano como a gente!
- Mas ele é feio professora (risos).
- Professora, o índio toma banho?

No final da aula, a estagiária de pedagogia que acompanha a turma durante as aulas de Educação Física veio me dizer que não havia conseguido parar de pensar na representação indígena de certos estudantes “*ontem eu comentei na faculdade sobre o*

⁷ Brô MC's rap indígena. Música: A vida que eu levo. Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d1N2zXk738E>>. Acessado em 30/09/2015.

que eles disseram. Em pleno século XXI eles estão falando assim. Isso porque, esse ano, nós trabalhamos várias vezes com o tema. Imagina nas outras escolas. Que absurdo!”.

Sertanejo

Para iniciarmos a dança sertaneja, analisamos o vídeo produzido pelo indígena Ademilson Umutina⁸, compositor e cantor, que mora na aldeia Bacalana no município de Barra do Bugres – MT. O indígena faz parte do grupo de jovens que buscam resgatar a cultura tradicional Umutina. Através da música sertaneja, ele expressa as dores e alegria do seu povo. A seleção desse vídeo foi proposital, para que pudéssemos confrontar os significados e as representações do que venha a ser um indígena. Afinal, eles perpassam pela cidade e também produzem e consomem cultura.

A partir do vídeo, percebemos que os representantes da música sertaneja utilizam muito da construção e elaboração de vídeo clipes para apresentar suas músicas. Nos dias atuais, essa ferramenta seja de grande valia no que tange ao alcance de todos. Ao questionar os estilos de música sertaneja que os estudantes conheciam, o de raiz e o universitário foram lembrados. Sobre as letras, disseram que as músicas possuem temas de amor, traição, balada, separação, flores, romance e sentimentos.

Foram representados pela turma: Cristiano Araújo, Gustavo Lima, Luan Santana, Zezé di Camargo e Luciano, Lucas Lucco, Vitor e Léo, Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó e Pedro e Thiago.

Como suporte para essa etapa do projeto, eu fiz uma breve pesquisa e através do texto de Matt Burns⁹ observamos as faces e tipos de sertanejo. O autor descreve brevemente o sertanejo de raiz, sertanejo da era moderna, sertanejo de asfalto e o sertanejo universitário. Para os momentos de vivência da dança sertaneja, baixei diversos vídeos clipes (dos representantes mencionados acima) e os estudantes podiam assistir e/ou dançar.

Abaixo segue a lista dos vídeos clipes selecionados para as vivências. Alguns representantes não foram mencionados pelos estudantes, mas tendo em vista as faces e os tipos de sertanejo apresentados no texto, trazê-los fora uma maneira de representar as diversas possibilidades da dança sertaneja.

⁸ Ademilson Umutinga. Sertanejo indígena. Música: história do povo Umutinga. Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EnJDudlrgU>>. Acessado em 30/09/2015.

⁹ BURNS, M. As muitas faces e tipos de sertanejo. Link disponível em: <<http://mastercardbrasil.tumblr.com/post/66381080658/as-muitas-faces-e-tipos-de-sertanejo-por-matt>>. Acessado em 30/09/2015.

- Cristiano Araújo – Maus bocados
- Dallas Company – Alô galera de Cowboy
- Gustavo Lima – Festa boa
- Luan Santana – Escreve aí
- Lucas Lucco – Destino
- Paula Fernandes – Pássaro de fogo
- Zezé di Camargo e Luciano – No dia em que eu saí de casa
- Sérgio Reis – Panela velha

Funk

Para iniciarmos as vivências do Funk solicitei que xs estudantes registrassem na lousa tudo o que elxs entendiam sobre a prática. Para isso, coloquei algumas questões norteadoras: Do que trata as músicas do funk? O que você sabe sobre o funk? Quem pode dançar? O funk pode entrar na escola? Quais representantes do funk você conhece?

Sobre as letras das músicas, xs estudantes registraram que elas falam sobre racismo, palavrão, danças, sonhos, amor, “mulher se mostrando”, rimas, mulheres, dinheiro, namoro, classe social, carros de luxos e “muitos recalques”.

Para xs estudantes, o funk tem muito palavrão, fala de muitas coisas feias, em funk que não é adequado para crianças, o funk é legal, o funk é uma coisa muito ruim e feia, o funk não é de Deus e não podemos falar palavrão. Essas afirmativas mostram como o funk vem sendo consumido e significado na sociedade atual. Esse foi o conhecimento inicial que xs estudantes apresentaram da prática.

O clima esquentou na aula quando muitos se posicionaram contra a entrada do funk na escola enquanto outros aceitavam positivamente. Os que iam contra diziam que na escola algumas músicas não podem entrar devido ao seu conteúdo, para elxs impróprios. Os que defendiam sua entrada também concordavam com essa afirmativa, mas diziam existir muitas músicas e que algumas eram possíveis de serem ouvidas no espaço escolar.

As músicas e representantes que fizeram parte das vivências práticas foram: Anitta – cobertor; Carrossel – Dig Dim; MC Brinquedo – Vem cá; MC Dadinho – Passinho do romano; MC Daleste – O gigante acordou / São Paulo; MC Gui – O bonde passou / sonhar; MC Guime – País do futebol; MC Ludmilla e Belo – Não quero mais. É importante frisar que aqueles estudantes que não quiseram dançar pode participar da aula registrando os encontros através de filmagens e fotografias.

Além das vivências, analisamos dois vídeos sobre o funk. O primeiro foi um documentário¹⁰ sobre a história do funk e o segundo apresentava uma festa¹¹ de funk aonde pessoas iam elaborando coreografias. Muitos se surpreenderam, pois algumas músicas presentes nos vídeos faziam parte da coletânea tocada em sua residência por seus familiares mais velhos. Em muitos momentos, aqueles que não dançaram com playlist atual se renderam aos movimentos apresentados nos vídeos e se puseram a dançar.



Reggae

Para que pudéssemos dançar reggae, um estudante se dispôs a trazer um pen drive com diversas pastas de músicas. Desse modo, os representantes que fizeram parte das vivências práticas foram: Bob Marley, Charlie Brown Jr., Ky Mani Marley, Maneva e Maskavo. Nem todos os estudantes conheciam esses representantes, entretanto, deixamos as músicas tocando e fomos dançar da maneira que sabíamos.

O final do ano já estava próximo e utilizamos algumas aulas para pensarmos em como poderíamos fechar o projeto. Resolvemos então organizar uma “Festa Dançante” para as turmas do 1º e 2º ano¹² do ciclo de alfabetização.

As ações se debruçariam na seleção de músicas para a elaboração da playlist, confecção de bilhetes para os responsáveis, organização dos alimentos a serem trazidos pelos estudantes, organização dos tempos e espaços escolares (diálogo com os pais e gestão escolar), realização da festa e encerramento do projeto, bem como do ano letivo.

¹⁰ Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y67GGeFXQqo>>. Acessado em 10/10/2015.

¹¹ Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g6nQdODUifE>>. Acessado em 10/10/2015.

¹² Devido à organização de encerramento da unidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que íamos dançando certos discursos iam aparecendo, fazendo com que o som diminuísse para que discutíssemos, aprofundássemos e desconstruíssemos significados e representações de gênero, etnia, classe social e o preconceito presentes nas falas dxs estudantes sobre os representantes “ilegítimos” dos estilos musicais.

Discursos como “o índio não é Humano”, “o funk é proibido na escola”, “o rap só fala palavrão” foram amplamente debatidos. Vale ressaltar que houve diversas tentativas de interrupção do projeto por outrxs professorxs, coordenação pedagógica e gestores que por muitos momentos discordavam da relevância e da importância do projeto. Afinal, a dança só entrava na escola pela via de ensaios para apresentações durante os eventos escolares como a primavera da família, festa junina e show de talentos.

O plano de ensino, os documentos da rede municipal de educação, os registros e a estagiária foram elementos importantes para a sua continuidade. Ao longo do projeto, xs estudantes produziram cultura e conhecimento, ressignificam diversas práticas, desconstruíram discursos preconceituosos e tiveram os direitos universais selecionados respeitados.